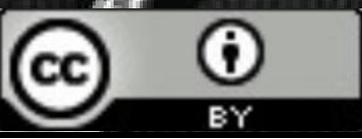




CINEMA POLÍTICO

COMO FERRAMENTA DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL





Dirigido por

CATARINA BASSETTI SIRAUQUE

FLÁVIA RESENDE MARINHO

GABRIEL GARCIA MOREIRA

KATHARINE LANY DE GODOY

PIETRO CORDEIRO ANDREETA

ROBERTA DOMINGUES CARDI

Disciplina

Comunicação e Expressão

Turma C



APRESENTANDO

EDITORIAL

4

ARTE NA SOCIEDADE

5

CINEMA POLÍTICO

6

CINEMA NOVO

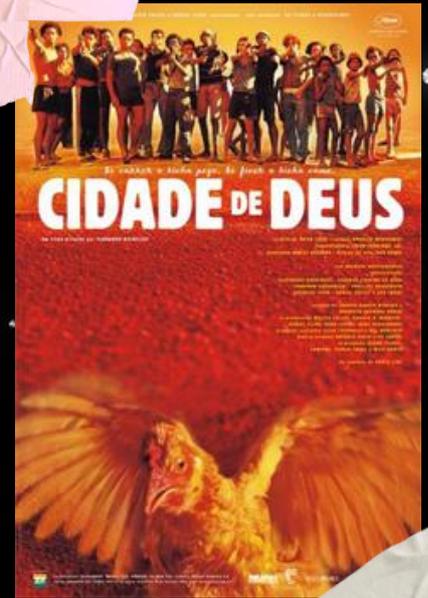
8

CINEMA HOLLYWOODIANO

11

EDITORIAL

Este e-zine tem como principal intuito apresentar como a arte audiovisual política pode servir como objeto de representação e transformação social, de modo que sua mensagem atravessasse as barreiras da tela e dialogue com a audiência, seja para apontar os problemas sociais ou mesmo para preparar o público para uma futura revolução. A ideia é introduzir o cinema político aos interessados, enquanto uma vertente audiovisual, de maneira simples e acessível.



EVA?



Arte na sociedade

Ao considerar que cultura é algo que todo ser humano tem, sendo impossível não ter algum valor ou ideia relacionados a um coletivo, e que a arte é uma extensão dela, a conclusão de que não é possível fazer arte sem manifestar seus valores culturais é lógica. Seguindo esse raciocínio, dentro da cultura, seja de maneira interior e individual ou de maneira exterior e coletiva, ideias se manifestam, ao ponto de virarem ideologias, e essas também são inseparáveis da forma de se fazer arte, visto que não só são a máxima extensão cultural, mas também estão enraizadas dentro da psique de todo indivíduo.

Após ver isso, se torna impossível não notar que todo filme, seja para o bem ou para o mal, tem algum vínculo com seus criadores, tendo então uma ideologia por trás que carrega junto alguma mensagem ou valor dos mesmos. Ademais, a mensagem contida no filme pode aparecer de várias formas, seja de uma maneira sutil, deste jeito não sendo o foco principal da narrativa, ou de uma maneira explícita, sendo a base da história contada.



LEV VYGOTSKY

[1] Livro:
Psicologia da arte

Como pensava Vygotsky (1999) [1], os artistas servem como um "fio condutor" para a sociedade, capazes de despertar sentimentos e transformações, logo suas ideologias passam por meio do filme para as suas plateias, mostrando como filmes e arte no geral podem servir como um mecanismo para revolucionar a sociedade assim como uma arma para aquietá-la.

Desta maneira, quando usada para fins críticos, arte pode sim transformar a sociedade, pois como fala a educadora Ana Mae Barbosa, "por meio da arte é possível desenvolver a percepção e a imaginação para aprender a realidade do meio ambiente desenvolver a capacidade crítica permitindo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada" (BARBOSA, 2009, p. 21) [2]. Logo, a arte serve também como um "despertador" para o indivíduo, fazendo com que o mesmo perceba seu papel dentro da sua "bolha de ação".



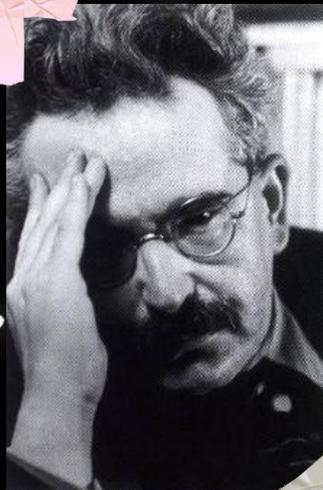
FOTO: CECÍLIA BASTOS/USP IMAGENS

ANA MAE BARBOSA

[2] Livro:
Arte/educação como
mediação cultural e social.

CINEMA POLÍTICO

Walter Benjamin



TEÓRICOS DO CINEMA POLÍTICO

Um dos primeiros teóricos a escrever sobre a arte como forma de engajamento político foi Walter Benjamin, viveu em meio à ascensão nazista na Alemanha. É nesse contexto que ele produz sua obra, que, tal qual a do teatrólogo Bertolt Brecht, está alinhada à vertente socialista. "Benjamin quer que o cinema reaja em termos políticos. Queria que houvesse uma politização da arte, porque era necessário, no contexto histórico dele, uma luta contra o fascismo" diz Overhoff. [1]

O que quer dizer que não há como um artista prever o comportamento do público, para afirmar produzir uma obra política, pois essa interpretação está a cargo do espectador.

Bertolt Brecht



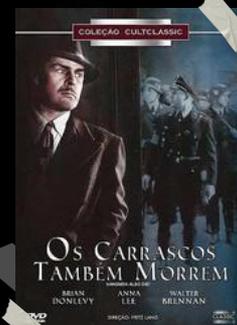
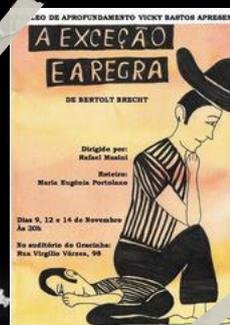
Brecht, em suas peças de teatro, propõe interações com o público que buscam romper com a "quarta parede". Essa concepção está muito relacionada ao desejo de usar a arte como meio para a reflexão.

Bertolt Brecht teve um papel de destaque dentro do teatro político, principalmente seu Teatro épico, que tinha como norteador a transformação social, visando atingir os trabalhadores e pequenos comerciante através da arte. Dentro das suas obras escritas "A exceção e a regra" que trata sobre um comerciante que contrata 2 trabalhadores para irem junto a ele em uma expedição, ao longo da peça temas como opressão de classe, raça e a perpetuação dessas violências através do aparelho estatal, são utilizadas com fins artísticos e pedagógicos.

Jacques Racière



Apesar dessa teorização, mais recentemente as discussões passaram a questionar a existência de um cinema político. Para o filósofo Jacques Racière não há como categorizar a arte e, nesse caso, o cinema, como político ou não. Racière introduz a ideia do "espectador emancipado", que seria tanto ativo quanto passivo quando em contato com uma obra de arte.



No cinema, Brecht ajudou a escrever e produzir alguns longas, tais como "Os carrascos também morrem", tratando sobre as mazelas sociais sofridas pela população durante a Segunda Guerra Mundial.

CINEMA POLÍTICO

"Qualquer filme, justamente aqueles que têm muito impacto, que muitas pessoas veem, no modo como reproduz estereótipos, ideias, maneiras de ver o mundo, vai influenciar as pessoas" afirma Overhoff. [4]

Ela complementa explicando que "toda narração é uma decisão sobre o que se conta, como se conta, quem são os personagens, quais são as visões de mundo".^[1]

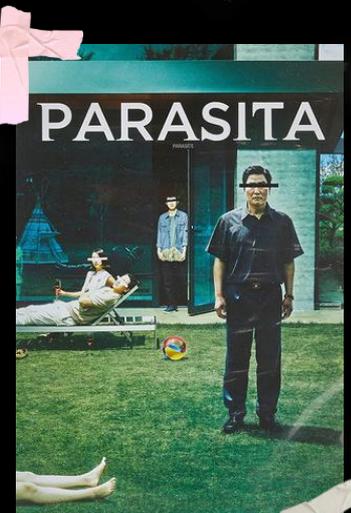
Cleber Mendonça Filho,
Juliano Dornelles



Bacurau rendeu muita discussão sobre seu significado. A maior parte dos comentários do público eram tentativas de aplicar a narrativa do filme à sociedade brasileira da vida real. Como se a obra fosse uma espécie de manifesto político, em formato de metáfora. [3]

O cinema político caracteriza-se pela preocupação em transmitir uma mensagem sociopolítica, isto é, como um modo de despertar um senso crítico no público. Logo, há um diálogo com o público, atribuindo a esse um caráter ativo, pois para que o objetivo do cinema político seja alcançado – a transformação social através da arte – deve ser conferido ao espectador a ação para utilizar o conteúdo apresentado como munição revolucionária.

No caso de Parasita, tanto a narrativa, que aborda a desigualdade de classes, quanto o contexto, um filme sul-coreano ganhando visibilidade internacional, nos mostra a importância do cinema como movimentador político. [2]



Bong Joon-Ho

Muitos cineastas produziram obras ideológicas que, historicamente, também foram classificadas como políticas. Vejamos alguns exemplos...



CINEMA NOVO

O Cinema Novo foi um movimento cinematográfico de cunho sócio-político que revolucionou o cinema brasileiro e teve impacto mundial. No final da década de 1950, amigos se reuniam em bares pelo Rio de Janeiro e, posteriormente, seriam os responsáveis pela construção de um novo modo de se fazer cinema. O nome de cada um desses fora recluso a meia dúzia de colegas e nichos da academia e que percorreram diversas regiões do país com seus filmes, sua arte ousada e engajada. Os principais expoentes do grupo foram: Cacá Diegues; Joaquim Pedro de Andrade; Nelson Pereira dos Santos; Roberto Pires; Arnaldo Jabor; e Glauber Rocha, sendo este um dos maiores cineastas do Brasil

Deus e o Diabo na Terra do Sol (1964) e Terra em Transe (1967) são dois longa-metragens dirigidos por Glauber e lembrados até hoje por críticos de cinema. As obras são produções fictícias críticas às condições reais vividas pela sociedade brasileira. Vale lembrar que Glauber Rocha viveu em meio à Ditadura Militar e, por isso, seus questionamentos políticos eram ainda mais ousados e pertinentes.

TERRA EM TRANSE

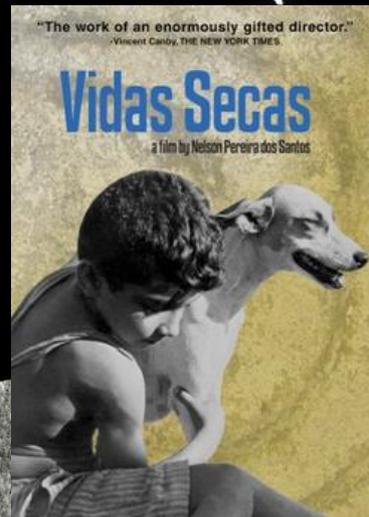
"Terra em Transe" foi um filme dirigido por Glauber Rocha entre 1966 e 1967, o filme conta a história de uma esquerda desiludida em meio a sua utopia de revolução, já que a mesma se encontrava em meio a ditadura lutando assiduamente e obtendo repetidamente diversos fracassos. A metáfora do Transe torna-se um paradoxo, visto que este Transe contamina as pessoas, as ruas, o estado, como se a vida estivesse anestesiada, fazendo dessa forma uma alusão a uma passividade que no começo da ditadura parte da classe média mantinha essa postura. O personagem principal é o jornalista Paulo Martins que começa a ser atormentado pelo seu próprio fluxo de consciência, em meio ao seu estado de Transe acompanhamos sua narrativa que explora desde de o populismo utilizado pelo Getúlio Vargas até as outras esquerdas - ou figuras associadas a esquerda que ao longo do tempo vão construindo suas próprias características e utopias.



AS 3 FASES DO CINEMA NOVO

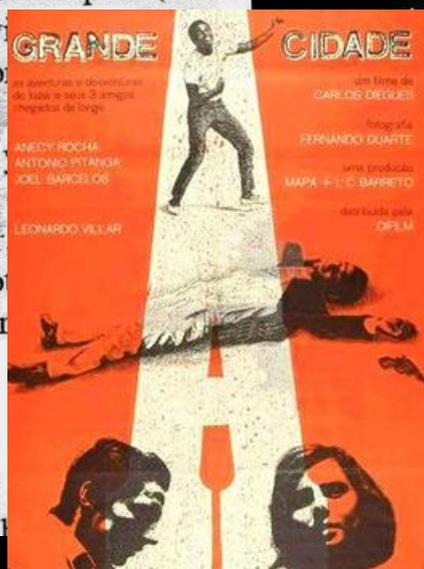
Primeira Fase

A primeira fase antecede o golpe militar e termina em 1964. Com um olhar voltado para a realidade brasileira seja do proletariado, escravidão ou das desigualdades marcantes da sociedade, as obras tinham grande peso histórico brasileiro em suas produções. Assim, a primeira fase passou a colocar em foco questões que antes não eram amplamente documentadas. Desse modo, esse cinema também se preocupa em informar os espectadores.



Segunda Fase

A segunda fase do cinema novo é inaugurada em 1964 e termina em 1968, situada em um contexto histórico de ascensão da guerra fria e de discursos de direita. Dessa maneira, a segunda fase nasce de um cenário político-social brasileiro em que há um temor do comunismo, temor esse propagado pelos Estados Unidos, onde a elite brasileira e autoritária depõe o então presidente da república, Goulart, em um golpe de estado. Nesse sentido, a segunda fase do cinema novo é caracterizada pelas desilusões dos militantes de esquerda na democracia. Assim, as obras procuravam transparecer a realidade devastadora e condenável em que viviam.



Terceira Fase

A terceira fase do cinema novo acontece na sanção do Ato Institucional nº5, editado em 1968. Nesse ato previa-se o fechamento do congresso, o aumento da censura a toda produção cultural do país entre outras determinações. Portanto, inaugura o período de maior repressão no regime militar ditatorial. À vista disso, as obras passam a ser idealizadoras e alegóricas com a premissa de transparecer e retratar valores e sentidos muitas vezes não correspondentes ao Brasil.





O longa "Cabra Marcado Para Morrer" se desenvolve a partir do assassinato do líder campones João Pedro Teixeira, em 1962. É um documentário que procura explorar o crime cometido se aprofundando ao tema da violência rural. Entretanto, diante da instauração do Regime militar no Brasil, em 1964, a equipe da produção é obrigada a interromper as gravações, retomando apenas em 1981.

O diretor Eduardo Coutinho e sua equipe, visitam o Nordeste juntamente com uma caravana da UNE, dispostos a promover um debate sobre a reforma estudantil. É nessa circunstância que tomam conhecimento do crime. Sensibilizado com o caso, Coutinho tem a iniciativa de desenvolver um documentário para registrar a história do líder a partir da ótica de sua esposa Elisabeth Teixeira e expor as mazelas sociais as quais está submetido o povo do campo.

Após o período de paralização da produção, o diretor retoma o projeto, se preocupando em retratar o rumo que tomou a família de João Pedro Teixeira. Vai atrás de sua esposa, Elisabeth Teixeira e de seus 6 filhos dispersos pelo país a fim de fugirem da repressão, para terem suas histórias documentadas.

No filme torna-se evidente a precarização da vida no agreste, as injustiças e a vulnerabilidade, a qual a população rural está exposta. Apesar de ser um caso ocorrido em 1962, ele ainda se reflete na hodiernidade, sendo recorrente diversos crimes e episódios de violência rural no momento presente.

Cabra Marcado Para Morrer, é a revelação mais pura da desigualdade e injustiça social no país, seja se tratando do tema do enredo ou, mesmo os impasses que foi submetida a produção para a gravar o documentário. João Pedro Teixeira deixou sua família sendo brutalmente assassinado e seus assassinos saíram impunes, sendo um latifundiário e dois policiais reponsáveis pela morte do ativista. Além disso, o filme passou por um processo de censura e silenciamento, dessa forma deixando clara a repressão cultural vigente no Brasil.



**Assista aqui ao trailer
(cabra marcado para morrer)**



HOLLYWOOD

O cinema internacional, a crescente globalização e a consolidação do sistema capitalista liberal conferiram às obras estrangeiras, sobretudo norte-americanas, um caráter ideológico próprio em suas produções. Tais obras ajudaram no processo de globalização, principalmente empresas de animação como “Disney” e “Pixar”, pelo seu caráter expansionista, capitalista e focado na cultura de massa, com uma visão etnocentrista envolvendo as experiências ocidentais.

A maior parcela dos conteúdos midiáticos consumidos no mundo provém dessa indústria bilionária. Franquias como “Star Wars”, “Vingadores”, “Piratas do Caribe” e “Crônicas de Nárnia” são algumas produções de sequências que pertencem ao monopólio midiático (Disney), e que foram altamente lucrativas.

CAVALCANTI, Maria Clara. *Cultura de Massa*. Querobolsa, 2022

“A cultura de massa é um modelo de reprodução artística que deixa de lado elementos filosóficos da arte e cultura. A arte passa a ser feita para ser reproduzida até o momento que o público se cansa de consumi-la. Não há, portanto, intenção de criar obras autênticas, uma vez que as cópias já atendem às demandas econômicas do mercado” [1]

Nesse sentido, a cultura de massa produz produtos que tenha amplo alcance voltados a sociedade do consumo. Desta forma, os filmes produzidos por esse modelo seguem uma fórmula pautada para ter êxito em sua produção e comercialização. Os grandes monopólios de Hollywood frequentemente usam essa fórmula

AMERICAN BEAUTY

Assista ao trailer



WALL·E

Outro exemplo é a animação "Wall-e", que discorre sobre um robô em um futuro distópico que vive no planeta Terra abandonado pela humanidade, pois a tornaram um lugar inabitável. A produção não tem interesse em causar no espectador algum tipo de revolução social, mas sim o contrário. O filme confunde sua plateia, que não mais tratará sobre o problema do desmatamento ou do consumismo como algo urgente e de reparo imediato.

Assista ao trailer



O "Estilo de Vida Americano", do inglês "American Way of Life", surge no cinema como uma maneira de mostrar um modo de vida puritano dos Estados Unidos, visando moralizar as produções. O filme "Beleza Americana" (American Beauty) acompanha Lester Burnham, que está entediado com a vida e tenta mudar a situação. Nessa perspectiva, o filme busca quebrar os paradigmas desse perfeito modelo americano, mostrando personagens falhos e infelizes. Entretanto, a crítica desmoraliza-se ao atribuir um final trágico ao protagonista, já que esse acontecimento reafirma os princípios do estilo de vida, uma vez que pode ser interpretado como uma punição recebida por Lester devido aos atos imorais que ele cometeu ao longo da trama.



Conclui-se que as produções Hollywoodianas, em sua maioria, vão em **contraposição ao cinema político**. Percebe-se que seu papel principal é, ou a criação de filmes e franquias cujo foco é o **lucro**, ou produção cinematográfica voltada para propagar uma ideologia ao consumidor **disfarçado de filme revolucionário**.

Referências

Disponível em <<http://jornalismojunior.com.br/o-que-e-o-cinema-politico/>>. Acesso em: 04 de Setembro 2022.

CAVALCANTI, Maria Clara. Cultura de Massa. Querobolsa, 2022. Disponível em:<<https://querobolsa.com.br/enem/sociologia/cultura-de-massa>>. Acesso em: 04 de Setembro 2022.

Disponível em: <<https://www.rua.ufscar.br/beleza-americana-desconstrucao-ou-reafirmacao-do-american-way-of-life/>>. Acesso em: 07 de Setembro 2022.

Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/analise-terra-em-transe/>>. Acesso em: 07 de Setembro 2022.

Disponível em: <<https://www.papodecinema.com.br/filmes/mostracabra-marcado-para-morrer/>>. Acesso em: 07 de Setembro de 2022.

Disponível em:

<https://ib.rc.unesp.br/Home/Departamentos47/educacao/grupodeestudosepesquisaslinguagensexperienciaformacao/3p-cristina_pivato_eliane_bacocina.pdf> Acesso em: 05 de Setembro de 2022

